DIRECÇÃO
de
HENRIQUE DE RESENDE
MARTINS MENDES
e
ROSARIO FUSCO

VERDE

REVISTA MENSAL DE ARTE E CULTURA

NUMERO . 4
ANNO . . . 1
REDACÇÃO
e
ADMINISTRAÇÃO
RUA CEL. VIEIRA, 53
CATAGUAZES – MINAS

SUMMARIO

NUMERO — 1$000 ASSIGNATURA — 11$000

VERDE RECOMMENDA:

ADVOGADOS:

Drs. Affonso H. Vieira de Resende

— E —

Affonso Vieira de Resende Junior
Av. Astolpho Dutra — Tel. 170

—

Dr. Abilio Cesar de Novaes
Rua Coronel Vieira — Tel. 86

—

Dr. Dionysio Silveira
Praça Ruy Barbosa — Tel. 61 — J

—

Dr. Pedro Dutra Nicacio, neto
Rua Coronel Vieira — Tel. 128

—

Dr. Merolino Corrêa
Praça Santa Rita

—

Dr. Sandoval de Azevêdo
Rua Coronel Vieira — Tel. 107

—

Dr. João Martins de Oliveira
Hotel Brasil — 133
Praça Ruy Barbosa

—

Dr. Antonio Lobo de Resende Filho
Av. Astolpho Dutra — Tel. 66

DENTISTAS:

Alberto Rocha
Rua Coronel Vieira — Tel. 125

—

Celso Dutra
Gabinete Pharmacia Ciribelli

—

José de Carvalho Drummond
Rua dos Passos — Tel. 105

—

Servulo José Abranches
Rua Coronel Vieira — Tel. 174

—

MEDICOS:

Dr. Francisco José Cardoso Junior
Rua Major Vieira — Tel. 31

—

Dr. Nelson Pinto Coelho
Rua Coronel Vieira — Tel. 125

—

Dr. Augusto Penna
Rua Coronel Vieira — Tel. 78

—

Dr. Octaviano Costa
Praça Rita Santa — Tel. 34

—

Dr. José Mendonça
Av. Astolpho Dutra — Tel. 66

VERDE

ANNO 1 | CATAGUAZES — DEZEMBRO 1927 | NUMERO 4

VERDE, POEMAS CRONOLOGICOS E OUTROS POEMAS

Foi em maio deste ano que conheci Rosario Fusco, e, logo em seguida, todos aqueles que hoje fazem parte do grupo verde. Autor, que sou, de um livro de poemas (Turris eburnea, M. Lobato & Comp. 1923 — edição esquecida) entendeu Rosario de mandar-me, porisso, alguns versos seus, acompanhados de uma carta interessantissima.

Saí imediatamente á procura do poeta pelas poucas ruas da cidade pequenina, a perguntar a uns e a outros onde era a sua casa, onde trabalhava, etc. Não trabalhava nem tinha casa. Mesmo assim, com pouco sacrificio, topámos logo. Depois desse dia vieram outras cartas de Rosario e outros poetas. Resultado: em Junho eramos nove, dos quaes oito escritores e o pianista Renato Gama.

Foi um pasmo.

Rosario levantou a idéa do *Jazz band*. jornaleco safado e inelegivel. Propuz então uma revista. Quatorze dias depois saía o primeiro numero da *Verde*. Saíu porque não pensámos na responsabilidade. Nem programa. Nem dinheiro. Nem colaboração. Nem nada. Juntámos umas coisas e mandámos imprimir. Colaboração, dinheiro, programa e responsabilidade viriam depois.

Bôas noticias. De jornaes que não esperavamos. Resolvemos então a pedir colaboração, mas na quasi certeza de que tudo ia ser negado. Pois quê! Colaborar, gente grossa de S. Paulo, Rio, Belo Horizonte e Juiz de Fóra, numa revista de Cataguazes, cafundó dos diabos?

Mas, com sorpresa nossa, vieram vindo as comidas. E no dia em que chegaram as do Mario e do Alcântara, o rondó do brigadeiro e o aventureiro Ulysses, foi um sarilho na redação emprestada da *Verde*. E veio vindo a canalha grossa.

Eis que um dia, porém, houve uma desconfiança. Foi quando recebemos coisa de Blaise Cendrars e um bilhetinho sujo do Milliet. Eu falei pro Fusco: isto é tróte. Tróte do Alcântara, do Mario, de todos. O Cendrars não está no Rio, e, mesmo que estivesse, não nos mandaria verso. Quanto ao Milliet é um safadão de marca. Eles querem é ridicularisar a gente. E danamos a procurar o nome do Cendrars nos jornais. Estavamos abatidos com a desconfiança. Seria uma vergonha. No dia seguinte veio o Rosario, com as suas pernas quilometricas, trazendo uma pagina do Correio da Manhã, onde vermelhava um traço marcando a noticia. Cendrars no Rio! Que alivio! Acreditámos então na autenticidade do verso do francez, no bilhete do Sergio e retirámos em seguida o adjetivo com que ultrajámos este ultimo.

Sai o terceiro numero. Alguns criticos, o que ainda mais nos embaraçou, consideram *Verde* a melhor revista literaria moderna no Brasil, pelo facto de haver congregado num só grupo todos os grupos modernistas de valor do Paiz.

Cataguazes, a pobre cidadela, que tem sido vitima da pena de muitas pennas, sem intuito nenhum de trocadilho, é promovida a centro intelectual. Mario e Alcântara, os bichões,. escrevem-nos pedindo para que *Verde* não môrra.

Aí por esta altura ficámos importantes...

Pensámos mesmo num livro. Ascanio, Fusco e eu. Chamámos á parte o Daniel, chefe das oficinas emprestadas da *Verde*. Tudo combinado. Coisa barata e bôa. E em breve, ou melhor, por estes dias, os leitores terão os *Poemas Cronologicos* Depois virá o livro de Francisco Peixoto. E logo em seguida Martins Mendes e Guilhermino César, conjuntamente, editarão vinte poemas. E' que em Minas o espirito moderno se tem demonstrado apenas por meio de revistas efemeras e jornaes de diminuta procura. Embora partindo de nós, achamos que o ezemplo merece consideração especial.

Belo Horisonte, com um grupo brilhantissimo, sem jornal e sem revista, precisa lançar mão do livro. E Juiz de Fóra tambem. E esses intelectuaes levarão sobre nós uma grande vantagem: a vantagem de haver entre êles bons prosadores—coisa que anda em crise por cá.

HENRIQUE DE RESENDE.

JOSEFINA BAKER

De tanto arder
te volviste negra,
Josefina Baker.

Aprendiste a bailar
para quitarte
la pereza sensual
de tus noches africanas.

Insurreccionaste
los tablados
del cansancio occidental
con el dinamismo
de tu cuerpo mercurial.

Toda tú, eres
la cálida metáfora
de los charlestones magicos.

MARCOS FINGERIT

(Do livro inedito Antena)

Poeta da moderna geração argentina, com 23 anos, Marcos Fingerit com as Canciones Minimas, alcançou um posto singular na literatura viva da Argentina. Diante do tumulto espaventado da epoca moderna de primeiro a mocidade dêle reagiu. O moço se voltou e se protegeu. Provêm d'aí as Canciones Minimas, livro de lar, delicioso, duma doçura excepcional. Agora, mais fortificado êle se pôs respirando a vida moderna das ruas. Surgiu então o livro Antena, já no prélo e que trará ilustrações do universalmente conhecido pintor moderno argentino, Pettoruti. «Verde» se sente feliz de unir ao eanto brasileiro uma nota pura da Argentina.

HOMENAGEM

aos Homens que Agem

Tarsila não pinta mais
Com verde Paris
Pinta com Verde
Cataguazes

Os Andrades
Não escrevem mais
Com terra roxa
NÃO!
Escrevem
Com tinta Verde
Cataguazes

Brecheret
Não esculpe mais
Com plastilina
Modela o Brasil
Com barro Verde
Cataguazes

Villa Lobos
Não compõe mais
Com dissonancias
De estravinsquí
NUNCA!
Ele é a mina Verde
Cataguazes

Todos nós
Somos rapazes
Muito capazes
De ir ver de
Forde Verde
Os azes
De Cataguazes

Poema de MARIOSWALD

(do livro inedito "Oswaldario dos Andrades")

APRESENTAÇÃO

que Mario de Andrade escreveu pro livro de Rosario Fusco — CODAQUE — a saír brevemente.

O costume de mais velho apresentar mais moço é uma das tais organisações pernosticas da sociedade. Não se acomoda bem com a minha curiosidade religiosa da vida pela qual pra mim é só o futuro que pode milhorar o presente. Não sei de nenhuma religião que se baseie no presente ou no passado... E é por isso que toda esperança possui muito de redenção e é um estado franco de religiosidade.

Me sugeitando por pedido de Rosario Fusco, mineirinho de 17 annos, a essa praxe de apresentar o livro dêle, confesso que isso me deslumbra como a chegada da velhice. Hoje aliás não tenho medo mais não da velhice e acho bobagem tudo o que andâmos falando mal dela por aí. Um tempo isso até virou cacoete: tudo o que a gente não gostava punha na velhice e tudo o que era boniteza punha na mocidade. Foi uma especie de despeito pela aurora com que a gente, os iniciadores da nossa literatura moderna, procurâmos escapolir daquela companhia de passado que pagara absinto pra nós nos primeiros tempos de literatura. Pra mim tudo isso tem valor mais não e já pus reparo que a boca-da-noite com menos vibração e mais serenidade é talequal a arraiada.

Não tenho duvida em apresentar êstes instantaneos de Rosario Fusco embora não seja livro que marque. E' o defeito das fotografias de codaque mandadas revelar na cidade... Só quinhentos reis cada filme, cada cópia duzentão. Sucede que o pessoal lá do negocio não sofrendo amor pelo que a gente fez, revela afobado e não deixa secar direito. Nem bem passam oito meses a foto vai descolorindo, as imagens ficam desmerecidas, perdem a força no papel.

Ou por outra: O livro de Rosario Fusco marca sim mas tem dois geitos dum livro marcar. Uma obra-de-arte marca feito viagem ou feito mapa geografico. Si a gente vai numa cidade e ela é batuta nunca mais esquece a tal. Si a gente assunta uma carta geografica feito eu antes de ir no Amazonas, já se comove bem imaginando nos gostos que terá na viagem. O livro de Rosario Fusco é assim um mapa caridoso e sugestivo. Que gostosura! que iluminações que a gente vai ter passeando por êsses rincões nomeados no papel de cores vivas!... Muita gostosura.

Isso já se percebe principalmente porquê o mapa de Rosario Fusco não é que nem os de agora, só linhas, só cores, só nomes de pagos não. E' que nem aqueles mapas de dantes. Dum lado ou mesmo no meio da geografia está vivendo um elefante uma palmeirinha um templo ilustre. Poemas como Rio de Janeiro, Madrigal, Jornal de Interior, Baía, não indicam apenas ideologicamente a margem que o futuro reserva pros nossos prazeres. Já é principio de viagem. O que se enxerga inda não é coisa propriamente nova não. Mas é fecunda e já comove bem.

MARIO DE ANDRADE.

I N T E R I O R   N U M E R O   1

Sob a lampada cariciosa...
Sob a paz adormecida e amiga..

o bom sorriso

a ceia do Senhor

o socego...
e o sapo jururú
para adormecer a criança.

M a r q u e s   R e b e l l o.

PEDREIRA

PRA ROSARIO FUSCO

Dependurados no espaço
êles ficam alí o dia inteiro
arrancando faiscas
furando buracos na pedreira enorme
que reflete como um espelho
as suas sombras primitivas.

A' tarde ouve-se um estrondo
e o éco repete a gargalhada das pedras
que vieram rolando da montanha.

Os homens de pele tostada
descem então dos seus esconderijos
e caminham pras suas casas
vagarosamente
decepcionados
segurando com as mãos cheias de calos
as ferramentas com que procuram
ha uma porção de anos
o segredo que lhes dê uma nova revelação da vida

FRANCISCO IGNACIO PEIXOTO

MADRIGAL

Vista n. 8 do CODAQUE—a saír

Meu brinquedinho de papel DENNISON
lindo brinquedinho inglez
brasileiramente fabricado
em Cataguazes mesmo

Lindo brinquedinho de dois mil reis
que a gente compra por uns minutos
e acha bem bom ainda

Você não fica muito caro não
Duas chispadas é pouco
e não gasta 1 litro de gazolina!

A Bébé Daniels, a Pola Negri,
A Nita Naldi, a Margarida Max (êta patriotismo!)
élas todas, todas *élas* moram dentro de você...

A questão é a gente querer
Meu amorzinho barato meu carro Forde
ultimo modelo

Minha linda francezinha, ingleza, americana ou suissa
segundo a luz quebrada do abajúr...

ROSARIO FUSCO.

PEDRO ALVARES CABRAL DESCOBRIDOR

Depois calças compridas cortei difinitivamente relações infancia. Uzei gravatas berrantemente panoramicas. Mas nunca pensara olhar pra mim mesmo. Lirismo espanejava meus vertiginozos 17 anos.

Porém soube ela disera feios são sempre rapazes modelos. Presentimento brutal nunca ser Brummel branqueou minha cara quando olhando espelho choquei de frente perto minha barbara fotografia.

Arquitetei vinganças tremendas descompuz natureza em berros intimos que frisonavam pele e cabelos aterrorizados. Procurei outra solução adimitindo como falhado outra forma aparecer bancando o Cezar venci. Primeiro ezame introspequitivo me dera certeza pozar com suceso pintor caras idiotas sujeitos musculozos. Segundo ezame me deu pretensão ser artista. Ideiei coizas profundas livros profundos 12 15 tomos empilhados profeticamente convidando intelijencias repastos fartos. Ambicionei meu nome citado jornais pezados chamando atenção ela que me tornara Pedro Alvares Cabral sim senhor com descoberta minha intima tendencia.

Impetos eroicos cruzaram meu cerebro mas cantei poetamente fealdade superes depois comer teorias alemães indijestamente traduzidas. Uzei oculos escandalizando tia Joaquina pacatisima.

Esqueci vida propria menino mudando fala. Declanchou nova crize lirica profunda me dizendo eles tinha jeito para filozofo quando inteirei 20 anos.

Percebi era senhor muitos sistemas mas nenhum me agradou orgulhozo nada fiz pros outros. Só gostei intimo me chamasem pensador criticando coizas profundas com citações orijinaes compridas. Dezanimos construtivos me descambaram pra poezia. Recolhido me fizera idiotamente timido pudorozo.

Mas vida tinha brotar. Brotou.

Maria Eugenia sentou perto no sofá. Idiota me deixaram sozinho.

Feio mas forte agradei com asombros musculozos gritadinhos. A carne morena asanhada bolinada cinemas bailes espreitando minha virjindade encostou caprichozamente. Minhas mãos virjens colosaes puxaram bruscas corpinho camiza por cima da carne corada quente cheiroza. Meus musculos tremeram. Meus nervos tremeram. Brazileiramente. Percebi confuzamente que eu de novo Pedro Alvares Cabral sim senhor descobrira uma delicia que devia ser o mundo FA-TAL-MEN-TE.

De Maria Eugenia (novela)

ASCANIO LOPES.

TRES ESTANCIAS OPTIMISTAS PRA CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

Você disse que esta vida não presta.
Mas, pra firmar esse juizo,
Carlos Drummond de Andrade,
com que outra vida você comparou esta vida?

Você disse que ninguem tem nada.
Mas você está enganado,
Carlos Drummond de Andrade.
Si eu não tenho nada, então de quem é o mundo?

Você disse que não se deve esperar nada.
Mas eu não sigo o seu conselho,
Carlos Drummond de Andrade.
Eu deito de costas na terra,
eu deito nú na terra núa
e olho pro céo e espero,
espero tudo que eu quero,
espero até que desça a lua
pra me servir de travesseiro.

Affonso Arinos (sobrinho)

CARTA-TELEGRAMA PRA MARTINS DE OLIVEIRA

Martins amigo meu cotuba.

Quando fiquei conhecendo você aí por meiados junho julho me pareceu logo você apegado preconceitos tolos bancando verdadeira pose intelectual. E não me enganei. Mais tarde tive confirmação disso. Pela sua conversa longas cartas suas que recebiamos aqui. Notei tambem sua mania esplicar sempre sempre o que é modernismo salientando sua diferença futurismo. Ainda numero passado VERDE você veiu lenga-lenga compridissima artigo intitulado MODERNISMO. Misturando alhos com bugalhos comparei você esses meninos iniciados estudos materia nova querendo mostrar grande compreensão fazem salada batatas. Não são necessarias provas. E'las estão lá berrando referido artigo.

Agora eu nacido e criado dentro modernismo não compreendo motivo grita gente de que fala você. Porque esse "insulto que ouve a cada instante" essa "risada escarninha" esse "remoque solerte"? Porque esse sangê todo? Atôa atôa. Acho.

Em Cataguazes acontece mesma coisa. Meia duzia supostos entendidos moralizadores nossa literatura vivem mexendo com a gente. Não sabem onde têm o narís. Nós levamos nomes feios todos dias. Emquanto isso turma lá fóra pensa nacemos ambiente favoravel. Uma pilula! Deus sabe com que custo estamos fazendo meio. Mas gente criança não desanima não. Nem dá importancia bobages. Pra que viver esplicando "é formidavel o nosso idéal"? Não chegarão nunca compreender. Não temos tambem necessidade essa compreensão. Porisso inutilidade artigos esplicativos tendencias modernizantes. Porisso inutilidade completissima seu artigo bocó. Só descobri nele um fim: provar você é medroso. Você passadista inveterado que chegou quasi até publicar complicadissimas sestilhas português tempo da onça teve medo sendo moderno sua reputação literaria ficasse abaladissima pra pessôas admiradoras você passadista. Porisso toca esplicar vantagens modernismo dizendo não é como pensam. Medo puro. Tolice muita como disse.

Fusco sempre me fala grande arrependimento imensa vergonha que êle tem ter publicado certas coisas VERDE. Fala tem dias êle quasi não dorme pensando escreveu besteiras como E' PRECISO PAZ NA ARTE MODERNA e certas noticias sobre livros. Tenho tambem esperança danada você terá vergonha ter escrito MODERNISMO como tenho tambem de muitas coisas que escrevi. E' verdade sempre falo: besteiras são necessarias. Assim me desculpo muitas vezes. Porisso desculpo você tambem.

Aporrinhação vai longe. Preciso parar.

Adeuzinho. Não fique zangado comigo não sim?

Francisco IGNACIO PEIXOTO

HISTORIA SEM PALAVRAS

Emfim, tudo o que pensa o filisteu
termina fatalmente em ADE.
Não é que elle seja, afinal, pessoa
sem posição social
sem gravidade
sem ideias com i grande
pra bem da humanidade com h grande.
Mas sempre chega á resultante
dum conceito
em ADE. E' fatal.
Muita coisa e pouco effeito
Moral:
Ventre livre não é purgante.

Pimenta Velloso

O FILÓSOFO PLATÃO

Fechou a porta da rua. Deu dois passos. E se lembrou de que havia fechado com uma volta só. Voltou. Deu outra volta. Então se lembrou de que havia esquecido a carta de apresentação para o director do Serviço Sanitário de São Paulo. Deu uma volta na chave. Nada. E' verdade: deu mais uma.

—Nhana! Nhana! Nhana!

Nhana apareceu sem meias no alto da escada.

—Estou vendo tudo.

—Ora vá amolar o boi! Que é que você quer?

—Na gaveta do criado-mudo tem uma carta. Dentro de um envelope da Câmara dos Deputados. Você me traga por favor. Não. Eu mesmo vou buscar. Prefiro.

—Como queira.

E foi buscar. Saiu do quarto parou na sala de jantar.

—Ainda tem gelea aí, Nhana?

—No armário debaixo de uma folha de papel.

—Obrigado.

Escolheu cuidadosamente o cálice. Limpou a colherinha no lenço. Nhana ia passando com o ferro de engomar. Mas não se conteve.

—Platão, Platão, você não vai falar com o homem, Platão?

—Calma. Muita calma. Glorinha entregou o ordenado?

Nhana sacudiu a cabeça:

—Sim senhor!

Fingiu que não compreendeu. Raspado o fundo do cálice lavou meticulosamente as mãos. E enxugou sem pressa. Dedo por dedo. Abriu a porta. Fechou. Vinha vindo um automóvel a duzentos metros. Esperou. Agora o ónibus da Light. Esperou. Agora um bonde do lado contrário. Esperou. Olhou bem de um lado. Olhou bem de outro. Certificou-se das condições atmosféricas de nariz para o ar. Marcialmente atravessou a rua.

O poste cintado esperava os bondes com gente em volta. Platão quando ia chegando escorregou numa casca de laranja. Todos olharam. Platão equilibrou-se que nem japonês. Encarou os presentes com um geito de victória. Na cabeça, seus cretinos. Esfregou a sola do sapato na calçada e resolveu ir esperar em outro poste. Chegou com os olhos no chão.

—Boa tarde, Platão.

—O mesmo, Argemiro, como vai você?

—Aqui nêste solão esperando o maldito *19*.

Platão cavou um arzinho risonho. Acendeu um cigarro. Disse sem olhar:

—Eu espero o ónibus da Light.

—Milionario é assim.

Primeiro deu um puxão nos punhos postiços. Depois respondeu:

—Homem! Nem tanto...

O *19* passou abarrotado. Argemiro não falava de ódio. Platão sim de vez em quando:

—Êsse é um dos motivos por que eu prefiro o ónibus da Light apesar do preço. É um Pateck.

Mas era só para moer.

Argemiro deu um adeuzinho e aboletou-se á larga num *19* vasio. Então Platão soltou um suspiro e pongou o *13* que vinha atrás. Ficou no estribo. Agarrado no balaustre. Imaginando desastres medonhos. Por exemplo: cabeçada no primeiro poste. Impossível escapar. Era fatal. Uma sacudidela do bonde e pronto. Miolos á mostra. E será que a Nhana casaria de novo?

—O senhor dá licença?

—Toda.

Não tinha visto o lugar vasio. Pois a mocinha viu. Que danada. Toda a gente passava na frente dêle. Triste sina. Tomava cocaina. Ora bolas.

—Ó seu Platãozinho!

A voz do Argemiro. Enfiou o rosto dentro do bonde.

—Ó seu pândego!

O cavalheiro de balaustre foi amável:

—Parece que é com o senhor.

—Olá, Argemiro, como vai você?

—Te gozando, Platãozinho!

Resolveu a situação apeando.

—Não tem nada de extraordinário, Argemiro. Não precisava fazer tanto escândalo. Homessa! Então eu sou obrigado a andar de ónibus só? E ainda por cima da

Light? E não tendo dinheiro trocado no bolso? Homessa agora! Homessa agora!

—Até outra vez, seu bocó!

—Hein?

Profunda humilhação com o sol assando as costas.

Mas não é que tinha de descer ali mesmo? Praça da República, rua do Ipiranga, Serviço Sanitário. E' muitissimo bôa: Argemiro fez um favor. Um grande? Um grandérrimo.

Para a satisfação consigo mesmo ser completa só faltava abrir o guarda-sol. Porcaria de guardasol. Você não quer abrir, desgraçado? Você abre, desgraçado, amaldiçoado, excomungado. Abre nada. Nunca viu, seu italianinho de borra? Guardasol, guardasol, não me provoque que é peor. Desgraçado, amaldiçoado, excomungado. Platão heroicamente fez mais três tentativas. Qual o quê. Foi caminhando. Batia duro com a ponteira na calçada de quadrados. De vingança. Se duvidarem muito as costas já estão fumegando. Depois asfalto foi feito ES-PE-CI-AL-MEN-TE para aumentar o calor da gente. Platão parou. Concentrou toda a sua habilidade na ponta dos dedos. É agora. Não é não. Vamos ver se vai com geito. Guardasolzinho de meu coração, abra, sim meu bem? Com delicadeza se faz tudo. Você não quer mesmo abrir, meu amorzinho? Está bem. Está bem. Fica para outra vez. Você volta pro cabide. Cabide é o braço. Que cousa mais engraçada.

Rua do Ipiranga. Eta zona perigosa. Platão não tirava os olhos das venezianas. Só mulatas. Eta zona estragada.

—Entra, cheiroso!

—Sai, fedida!

Que resposta mais na hora, Nossa Senhora. É longe como o diabo êsse tal de Serviço Sanitário. Pensando bem.

—Boa tarde, seu Platão, como vai o senhor?

—Ó dona Euridice, como está passando a senho...ora que se fomente!

Olhou para trás. Não ouviu. Que ouvisse. Parou deante da placa dourada. Sem saber se entrava ou não. Não será melhor não? Tanta escada para subir, meu Deus.

O tição fardado chegou na porta contando dinheiro.

—O doutor director já terá chegado?

—Parece que ainda não chegou, não senhor.

Aí resolveu subir.

—O doutor director ainda não chegou?

O cabeça-chata custou para responder.

--Chegou, sim senhor. Quer falar com êle?

--Ah, chegou?

O cabeça-chata papou uma pastilha de hortelã-pimenta para depois exclamar:

—Agora é que eu estou reparando... o seu Platão Soares... Sim senhor, seu Platão. Desta vez o senhor teve sorte mesmo: encontrou o homem. Vá se sentando que o bicho hoje atende.

Platão deu uma espiada na sala.

—Chi! Tem uns dez antes de mim.

—Paciência, não é?

Platão se abanava com o chapéu côco. Triste. Triste. Triste.

— Que é que você está chupando?

— Eu ? Nãoestouchupandonadanãosenhor!

Platão deu um balanço na cabeça.

—Sabe de uma cousa? Aai!... Eu volto amanhã...

—O senhor dá licença de um aparte, seu Platão? Eu se fosse o senhor não deixava pra amanhã não. O senhor já não veiu aqui uma dez vezes?

—Não tem importância. Eu volto amanhã.

—Admiro o senhor, seu Platão. O senhor é um FI-LÓ-SO-FO, seu Platão, um grande FI-LÓ-SO-FO!

—Até amanhã.

—Se Deus quizer.

Desceu a escada devagarzinho. Tirando a sorte. Pé direito: volto. Pé esquerdo: não volto. Foi descendo. Volto, não volto, volto, não volto, vol...to, não vol...to, VOL...TO! Parou. Virou-se. Mediu a escada. Virou-se. Olhou a rua. E' verdade: e o degrau da soleira da porta? Mais um não-volto. Mais um. Porêm para chegar até êle justamente um passo: não-volto. Depois o último: volto. Aí está. Azar. O que se chama azar. Platão retezou os músculos armando o pulo. Deu. De costas na calçada. A mocinha que ia chegando com a velhinha suspendeu o chapéu côco. A velhinha suspendeu o guardasol. O chôfer do outro lado da rua suspendeu o olhar. Platão Soares finalmente suspendeu o corpo. Ficou tudo suspenso. Até que Platão muito dígno pegou o chapéu côco. Agradeceu. Ia pegando o guardasol. A velhinha quiz fecha-lo primeiro.

—Não, minha senhora! Prefiro assim mesmo aberto, por favor. Muito obrigado. Muito obrigado.

De guardasol em punho deu uns tapinhas nas calças. Depois atravessou a rua. Parou deante do chôfer. Cousa mais interessante ver mudar um pneumático.

E não demorou muito:

—Eu se fosse o senhor levantava um pouquinho mais o macaco. Não acredita?

(do *Laranja da China.*)

ANTÓNIO DE ALCANTARA MACHADO.

CONVITE AO SUICIDIO

A MARIO DE ANDRADE

Vamos dar o tiro no ouvido,
Vamos?
Largar essa vida
largar esse mundo
comprar o ultimo bilhete
e desembarcar na estação central do Infinito perante a commissão importante de archanjos bem-aventurados prophetas—vivôôôô!

Vamos acabar com isso,
dar o fóra nas aporrinhações.
Adeus contrariedades.
Nunca mais desastres
nem callos
nem desejos
nem percevejos nem nada.

Só um gesto
PUM PUM
Acabou-se.

Já estou cansado da Metro, da Paramount,
de todas as marcas inclusive a barbante.
O fita pau.
Repetir é casar dobrado.
Me dá o braço,
vamos s'embora.

A vida foi feita pros trouxas
que esperdiçam as riquezas do coração
nessa lenga lenga infindavel
e depois vão dormir o somno abençoado dos burros justos pra recomeçar no dia seguinte cedinho.

Vida que não é vida...

(Suspirei
foi pra abrir o peito,
soltar o ultimo desgosto.)

Estou prompto pra sahir.
Vamos sahir juntos?
E' mais divertido
e enche mais os jornaes: um suicidio duplo, hein? que mina pros reporteres e pros cidadãos que gostam de misturar o café matinal com historias de Smith and Wess.

A noite está fria.
Noite indifferente.
Vamos morrer daqui a um minuto
(si você não roer a corda)
e no entanto o Cruzeiro do Sul parece dizer: que m'importa,
E astros aguas e terras repetem machinalmente: que
m'importa.

Elles têm razão.
Nós tambem temos.
Dois contribuintes de menos,
que perderá o Brasil com isso.
No frio da noite os amorosos multiplicam a especie.
O Brasil é tão grande.
Mais grande que o mundo inteiro.
Estamos caceteados, vamos s'embora

Adeus minha terra
terra bonita
pintada de verde
com bichos exquesitos e moleques treteiros,
abençoada pelo Deus brasileiro das felicidades e descarrilamentos.
Meu povo
amigos inimigos
canalha miuda
me despéço de todos sem excepção.
Apezar de ser inutil,
se lembrem de mim nas suas orações.

Está na hora.
Agora vamos.
Me acompanhe nesse passo
tão complicado.
Me ajude a morrer,
morre com a gente,
irmãosinho.

Vamos fazer a grande besteira:
rebentar os miolos
e ir receber no céo o castigo de nossos amores
e o premio de nossas devassidões.

Carlos Drummond de Andrade

SINGERMAN, STOLEK, ETC. ETC.

(CONTINÚAÇÃO)

Mas, ao caso: transmitti-lhe o convite, roguei-lhe que emprestasse o seu concurso á festa do Ateneo, declamando uns poucos versos de poetas brazileiros. A sra. Singerman, como eu ingenuamente cuidava, não me respondeu de prompto que accederia com satisfação. Prometteu. Que não sabia, que aguardava telegrammas do seu empresario, etc, etc. Achei razoavel toda essa cantilena, tanto que, no dia immediato, pela manhã, escrevi a chroniqueta para "Para todos" Logo, tomou a palavra o seu marido que depois de muita parolagem sem futuro, disse responder-me-ia em tempo. O dialogo telephonico foi o que repeti na explicação já publicada. A sra. Singerman, como concluira, aliás, desde o primeiro momento, recusava-se a collaborar na homenagem ao Brazil. Estaria em Buenos-Aires a 7 de Setembro, declamaria ás 5 1/2 no "Cervantes" (o que foi uma rotunda mentira) mas não ás 9 1/2 da noite não poderia preencher um numero siquer do programma da festa do Ateneo. Esse foi o facto, nú e crú. Se houvesse accedido, que desejaria eu mais para ficar satisfeito? Assombrei-me, pois, do desplante com que se mentiu em torno disso, na ansia de rehabilitar-se a sra. Singerman perante o nosso publico.

A recusa que me surprehendeu, como as frageis razões apresentadas e que, como me cumpria, communiquei aos directores do Ateneo, foi que determinou a minha attitude, isto é, de levar esse caso ao conhecimento dos amigos—"camelots" da Empresa Singerman no Brazil para que elles, ao menos, applicassem barbicaches ao gongorismo de suas tiradas ridiculas. A acquiescencia, o "enthusiasmo brazileiro" e a "boa vontade" da declamadora russa e do seu marido derivaram da noticia que lealmente lhes dei: de que ia narrar o occorrido aos meus amigos de imprensa no Rio e em S. Paulo. E assim o fiz, com a responsabilidade do meu nome. Uns, não puzeram em duvida a minha palavra de homem que não mente; outros, semvergonhamente, teimaram em proclamar "genial" "unica", "sobrenatural" e disparates do mesmo jaez a sra. Singerman.

Repontaram os commentarios na imprensa do Rio, alguns realmente adulterados. O sr. Stolek não teve, por exemplo, o cynismo de confessar-me as razões "poderosas" da recusa. Eu é que as adivinhei porque, graças a Deus, não sou imbecil. A recusa não foi tampouco de declamar versos de poetas brazileiros, que isso quasi nada significaria, mas de collaborar na homenagem, dizendo versos russos, chinezes ou turcos. A recusa foi, assim, fundamental.

ILDEFONSO FALCÃO

(Continúa)

P A T R I O T I S M O

Pro Achilles Vivaqua:

O inspector escolar mulato e pernostico
tomou a palavra.
Fez despregar da parede um retrato
a carvão do marechal Floriano Peixoto,
e o depoz em uma cadeira de palhinha.
Deitou a falação pra creançada.
Disse isto, isso e aquillo.
(a creançada quasi que chorava com medo de perder a hora do recreio.)
quando elle acabou
o Zézé se riu de alegria e ficou preso na sala.
Mas quando a turma voltou
o Marechal Floriano Peixoto tinha dois pares de bigodes.

A l b a n o d e M o r a e s

«L' OISEAU BLEU»

A Henrique de Resende e Rosario Fusco

Este retrato velho...
(Oh! os dias de roupa nova na cidade pequenininha do Interior!)
...deste menino gordo e sério...
(Roupas de Pariz: cheiro de Louvre no domingo brasileiro moreno de calor!)
...de pé, segurando a bengalinha de junco...
(Tudo vinha de Pariz, porque a gente ainda tinha uns tios solteirões...)
...olhando a objectiva e a familia junto...
(«Faça uma cara alegre!» De roupa nova e sapato apertado? Pinhões!)
...com uns olhos de quem não está sósinho...
(«Attenção! VAE SAHIR DAQUI DE DENTRO UM PASSARINHO! Attenção!)

Este retrato...

Até agora estou esperando o passarinho...

(Que bom! Como eu acredito naquelle photographo—philosopho allemão!)

GUILHERME DE ALMEIDA

S. Paulo, 26—11—926.

SENZALA

A MARIO DE ANDRADE

Senzala da fazenda dos meus avós...
Vão-se desmoronando pouco a pouco
as tuas paredes de pau-a-pique e os teus telhados seculares.

Mas ainda és, no teu desmoronamento,
a lembrança angustiosa das atrocidades dos meus avós.

Senzala da fazenda...
As tuas ruinas ainda estão impregnadas do sangue machucado
dos negros que gemeram nos teus troncos,
sob o chicote ameaçador dos homens brancos—feitores da fazenda.

Mas tudo isso ha de desaparecer um dia.

As tuas paredes de pau-a-pique e os teus telhados seculares,
—ruinas ainda impregnadas do sangue e do suór dos escravos—
lembram os gemidos que se perderam pelos teus cubiculos de tabique;
e as lagrimas que rolaram pelo teu chão de terra socada;
e o relho de treis tranças dos algozes feitores da fazenda;
e os gritos lancinantes que vararam o horror das tuas trevas;
e a mancha apagada que ficou na braúna dos teus troncos.

Mas—bendito seja Deus!—as tuas ruinas desaparecerão um dia
na bruma longinqua da historia dos tempos.

E então se apagará tambem, esse dia, na minha memoria
a lembrança angustiosa das atrocidades dos meus avós...

(Poemas cronologicos) HENRIQUE DE RESENDE

AUTORIA DA ARTE DE FURTAR

Sendo-nos obtemperado darmos a lume desvaliosa contribuição nossa com o fito de esclarecer a debatida questão preza á autoria da «Arte de Furtar» desta feita hemos por avisado abordar tão relevante assumpto.

Dá-se que, por novo, o erudito philologo e professor, Dr. João Ribeiro, á baila traz a supra mencionada obra apocrypha, originando o feito memoravel perlenga que, aos leigos parecer podendo mera questiunculad e *lana caprina*, a nós se nos afigura de importancia não pequena tal a benemerencia da empresa. Nosso obscuro alvitre sempre ha sido por considerar falaz a autoria do Padre Vieira na «Arte de Furtar», o que nem nos apraz assacar por dicterio, que não de alviçaras tão pauco, certeza havendo não nos arrogarmos prioridade revelatriz, mas tão sómente obrando fieis e rigoroso apodo da obra dicta á face daquella pelo magno orador sacro mui lavorada e opima.

Para poupar de audaces arguidos sermos ante o que nos presa relato, exame e julgado, buscaremos justificar este comesinho e parco arrazoado servindo-nos no que o saber sózinho sóe autorizar.

Ab initio nos não parece de preceito opinar pela autoria do reverendo Padre Antonio Vieira Ravasco na «Arte de Furtar», obra classica attribuida de muitos ao notavel servo da «Companhia de Jesus», do que prova cabal se não ha feito. Assalta-nos dês logo a sem razão do dislate, ao superficial cotejo que se opere entre a «Arte» e o venerando acervo das vieireanas peças. A seguir se nos depara precaria tal magna pretensão, ao aspecto só do despauterio nella conteúdo e ingente.

Para pouparmo-nos delongas estereis em materia que demanda esclarecida apenas, que não recursos superfluos de inflammada dialectica, abordamos afoitos o seu theor, calando nosso animo, á authenticidade da «Arte», contrario e averso.

Fôra de certo repudiar o saber humano não nos ser outorgado, á luz das doutrinas trabalhadas secularmente, deixarmos de inidentificaveis os classicos lavores e os monumentos da lingua. Tal devêra ser o opprobio e o desaire dos fecundos mestres eternos, contra elles pelos posteros arvorados. Tal seria o tentamen vesanico de deslembrar o estylo, estalão seguro, dedo do gigante ao qual auferir se póde sua herculea força!

Jorge Luiz Leclerc, o notavel conde de Buffon, autor da «Historia natural» e doutras primorosas obras do humano e intellectual penhor, no seu celebrado «Discurso sobre o estylo», em primeiro assegurou que «o estylo é o homem».

O famoso escriptor Hypolito Taine, por seu turno, abonou a mesma immortal verdade, facto que, si bem alguns conduza tomar por Juno a nuvem, imputando a esse o quanto áquelle se deveu, em nada lhe diminue o merito, que mais l'ho avigora e acerta.

(Continúa),

A. FONSECA LOBO.

CRONICA QUASI POLICIAL DA BARRÓCA

Maria de Jesus fecha a janella sem taramela
indo pra tarimba descançar.
Mas é noite de lua e caboclos malandros
gemem nos pinhos.
O Joaquim da Raymunda é mulato escovado
e começa cantando modinhas sentimentaes
debaixo da janella da Maria.
Ella vae abre de-vagar e fica debruçada
ouvindo o Catullo de arrabalde.

Elle fez um pedido singular
porque Maria de Jesus mexe com os hombros
e diz toda dengosa quasi querendo
—Tem graça! o que os outro ha de dizer!

(Do Cronicas sentimentaes e outras cronicas)

Guilhermino Cesar.

TEORIA ARTISTICA DA FARINHA

"Vivit sub pectore
vulnus"—Virgilio

Fiz o menininho pobre
pobrinho
de gravura
pé no chão calça rasgada na bunda manga
de camisa etc.
colorido á vontade

Peguei elle mandei vender empadinha
assoviações
discussões sobre papagaios pipas combucas
pra mãi viuva
gorda originalmente

Levei elle pra rua gritando
não precisam incomodar-se porque elle não fica
tisico
sou incapaz de fazer isso
tambem não adiantava nada mais essa desgraça
e não gósto de atribular as minhas personagens
com muitos infortunios
de uma vez
deixa o garoto apregoar as empadinhas

Construcção
montagem de um poeira na esquina
esquina—attenção ao empresario abstracto
pendurei o cartaz
litographia em inglez safada de dificil
e um bruto buquejonis soccando
convem não esquecer do lenço vermelho no
pescoço delle
porque é um detalhe imprescindivel

Segue-se a compra das empadinhas
2$000
o menino chispa pra casa delle
de existencia necessaria

Ghega o menino
levanta 2 dedos
contentamento igual fita mais dinheiro
dá 2 pulos
questão de predileção toda particular minha
pelo 2 mas po-
dem pôr outro
numero
e gritou
DOIS PILA
Sem S e a bandeja vasia da logica
que não erra nem
que a banana rache

Demonstracção absoluta
não tinha farinha pro jantar
sem tempo pra reflectir sobre o caso
interroga
SERA' VAIDADE de invenção
vaidade minha
Não tinha farinha
não tenho certeza si era pro jantar mesmo

fui fiquei arrependidissimo de ter posto
logo hoje
fita de buquejonis

EDMUNDO LYS

NOTICIAS SOBRE LIVROS E OUTRAS NOTICIAS

ASCENSO FERREIRA — Catimbó

Off. da «Revista do Norte» — Recife — 1927

Ascenso Ferreira deve ter sido um apaixonado cantador de desafios. E porisso mesmo que êle trouxe pra sua nova tendencia poetica aquela melodia gostosa que ha nas trovas populares sertanejas, aquilo que Tristão de Athayde costuma chamar «a ilusão do poeta--canario», a monotonia ritmica dos versos por meio de metricas artificiais e rimas mais ou menos premeditadas.

Raramente o poeta se esquece da rima. Ou muito me engano ou sómente um poema do livro *(Genio da Raça)* escapuliu, ficou livre dêsse truque passadista.

Livro brabo, movimentado, de um pronunciado sentimento nativista de brasileirismo, *Catimbó* vem concorrer magnificamente pra o maior desenvolvimento de nosso *folklore*. A poesia inteira de Ascenso é uma toada cabocla.

Suas poesias foram feitas pro ouvido. Cantantes. Pena que assim, toda igualzinha, toda direitinha, se torne monotona, ás vezes, caindo numa vulgaridade intoleravel. Ascenso é um poeta simples que felizmente não se deixou levar ainda pela luminosidade falsa do fraseado bombastico, paulificante. Muito terno, muito delicado—e sobretudo—como todo bom pernambucano que se presa —um vivo pintor de côres berrantes—, falando de sua terra.

Rico de imagens nota-se no seu estilo claro, limpo, uma baita espontaneidade criadora.

Poeta quasi desconhecido hontem—Ascenso Ferreira, com a publicação de *Catimbó*—ficará sendo, de hoje em diante, uma das figuras mais reprezentativas do actual «partido», cabra batuta de quem a gente deve esperar muita coisa bôa que marque difinitivamente.

F.

DECLAMAÇÃO

A febre de declamação que tem grassado nesses ultimos tempos no Rio é um facto.

Não ha um só dia em que não vemos espalhadas pelos jornais as noticias de que dona fulaninha ou dona sicraninha realisou ou vai realisar alguns desses lamentaveis espetaculos da arte de dizer.

Me parece até que essas vindas de Berta Singerman ao Brasil só servem pra assanhar mais as nossas dizedoras de versos alheios. Todas élas querem ficar iguaezinhas á Berta. Declamar como a Berta. Ter a mesma voz de Berta. Pra isso se colocam diante de espelhos e tocam a estudar gestos. A vêr si são perfeitas as contrações dos labios e das faces. Si interpretam com mais *alma* os versos. Esperimentam enrolar no pescoço com a maxima elegancia o véu indispensavel a toda mocinha que se presa ser bôa declamadora. Não se esquecem nem de aprender a cruzar as mãos retorcendo antes os braços e estendendo êles abandonadamente pra baixo.

Depois que já ezecutam tudo isso com muita perfeição pegam a fazer ezibições publicas de contorcionismo barato com esplosões assustadoras de tremeliques vocaes. E' assim que interpretam pessimos versos ou tornam pessimos os bons versos.

Essas mocinhas sem que fazer deviam escolher uma profissão que não espuzessem élas a um ridiculo tamanho. E' verdade que si procedessem assim não ganhariam tanto dinheiro. E' verdade tambem que deixariam de fazer jús á amizade de meia duzia de poetas descabelados. Mas em compensação não seriam tão ridicularizadas. Porque por ezemplo não ficam em casa cerzindo meias do papai? Garanto que lucrariam mais.

Não posso negar que não temos bôas declamadoras. Entre élas posso até citar Francesca Noziéres. Tem uma outra tambem que não é de todo má. De facto Nenê Barrouquel — embora principiante ainda — não declama mal não. E' até uma das que tem um pouquinho de sensibilidade.

Em Zita Coelho Netto só se encontra muito bôa vontade em agradar os outros e o desejo de patentear que é filha de Coelho Netto. E a gente perdôa a mania que éla tem em querer ser declamadora. E'la é tão boasinha... Basta dizer que eu fico até com raiva quando tópo com éla em meio de salões dizendo versos. Fazendo papel chato.

De dona Angela Vargas nem é bom falar E' lamentabilissima. Bilac disse ou por

ironia ou num desses momentos de bom humor ecepcionaes qúe éla era a propria poesia—a má poesia talvez.

Eterna assassina do «Corvo» de Pöe e da «Marcha triumfal» de Ruben Dario-éla não contente com isso—fundou uma escola de declamação dando de vez em quando—a dez mil reis a cadeira pessimas demonstrações do bom aproveitamento das suas alunas. Ai então é que é pena se ver essas pobrezinhas inconcientes orgulho de seus pais a berrar e a gesticular palidas de comoção os mais horriveis versos. Em todo caso ainda se contentam por emquanto com as palmas que lhes dão algumas pessôas de coração bem formado.

Pra que falar mais?

F. PEIXOTO.

MARTIM FIERRO

Buenos Ayres — ano IV — nº 43

Além de algumas notas ligeiras sobre Irene Lagut, Marinetti e Dona Berta Singermam, este nº. da conhecidissima revista moderna argentina publica um esplendido artigo de Eduardo Gomzalez Lanuza—estudando as revoluções, ou por outra, a politica na literatura.

Nota de critica sobre a esposição «Amigos del arte: Ildefonso Pereda Valdes.

Reprodução de alguns admiraveis baixos relevos de Fioravanti.

Paul Eluard publica uns poeminhos forçados (ua imagem e um titulo...) coisa que o Mario tem uma raiva danada. E eu tambem... Poesia, estudos, notas de arte e outras notas bem interessantes.

F.

PAULO PRADO, PAULISTICA E VARIAS COISAS

Martins de Oliveira chamou Paulo Prado de moderno. Não concordo. Para mim Paulo Prado não tem esa ansia do novo, esa procura e esas tendencias gerais que caraterizam o moderno. E' apenas um espirito equilibrado, um obiservador curioso do movimento geral das ideas novas. O sujeito simpatico e inteligente que observa elegantemente a grita comtemporanea, sem entrar nela, sem combate-la. Uma inteligencia á parte, uma cultura, uma pena que ainda não fixou a sua maneira de ser, nem ainda se decidiu por uma afirmação ou por uma negativa. Alguem que pouco escreve por ser instavel. Instabilidade originada da cultura.

O tipo do homem que podendo esplorar qualquer assunto, fala discretamente sobre poucos. Modestamente. Um deses João Ribeiro que se não entram no gosto da gente pelo que escreveu, entram pelo lado da simpatia, pelo que pensam.

E quanto um espirito como Paulo Prado resolve enfrentar um asunto, uma questão, não sai nunca coisa igual a dos outros. Paulistica é a prova. Paulo Prado estudando nossa ístoria não o fez á moda dos colecionadores de datas e de nomes, nem a maneira dos que procuram atrair com o escandalo de teorias e descobertas novisimas (Asis Antra) nem como os romanceadores dos fatos (Paulo Setubal). obiservador frio e imparcial que muitas vezes espõe o fato, sem dar sua apreciação. Paulo Prado não avança ideas violentamente Mas discretia com elegancia. Mas espõe coisas para que nós mesmos sejamos forçados á conclusão. Sem atacar as ideas constituidas. Sem o fetichismo por elas. Em Paulistica é felicisimo, sobretudo nos pontos em que estuda o despejo das povoações paulistas motivadas pelo caça ao indio.

Piratininga despovoada em 1626 "pelos moradores serem ido ao Sertão". E quando fala na grandeza, decadencia e rejeneração de São Paulo. E sobria, um pouco discreta a descrição do movimento bandeirante. Influencia de Capistrano? Não creio que Paulo Prado acompanhe seu mestre nese ponto. Mesmo porque os documentos e os fatos provam que o caso das descidas de gentio foi uma consequencia do espirito do seculo. Era o tempo em que a escravidão chegara á perfeição.

A Africa já circumnavegada. E as correrias do proprio gentio e a sua indomabilidade. E a falta de braços. E o ezemplo alemão na Venezuela. E o ezemplo espanhol no Mexico. E os sabios e os justos da epoca que julgaram a força a unica coisa deciziva. Anchieta dizendo que para os indigenas melhor pregação não havia que a espada e a vara de ferro. Mas nos paulistas, ececionalmente, predominou o espirito da aventura, a inquietude, a procura. Nos espanhois a ambição. Garbolion: Los paulistas no hacem mucho caso del oro, y preferem maloquear indios. O fato é que as bandeiras—preadoras de indios, descobridas de ouro devasaram o Brasil, aumentaram prodigiosamente os sertões.

Eu continúo por iso a adimirar os bandeirantes. E pelo que passaram tambem.

—

As bandeiras diversas, de caça dos indios, de procura de ouro e pedras, de aventura

devasamento. O movimento de prosperidade que marca os logares de mineração. A aristocracia de então. A contradança da civilização que brilha momentaneamente nos logares ricos, e onde chega o café. Rezende. Paraíba. As grandes familias cafezistas. Os Breves. Os Teixeira Leite. O periodo de civilização Olandeza. Ese bruxolear de civilizaçõis que nacem e morrem com a prosperidade dos logares. Tudo demonstra que nosa ístoría não está cheia de frazes e frazes bonitas só. Nos fugimos nese ponto ao gosto latino de declamação nas oras solenes. Somos diversos. Temos muita coiza feita, muita coiza nobre mesmo, pouca palavra. E será com estudos bonitos como Paulistica sobre eses e outros pontos de nosa ístoria que perderemos a cisma com a pobreza e pouco interese de noso pasado. E ficaremos sabendo que somos grandes porque decendemos de gigantes. E porque os egualamos e porque os superamos. E nos olhos inquietos do homem dagora brilhará a certeza do proprio valor.

ASCANIO LOPES

FESTA N. 3

Rio—Novembro 927.

Nota importante: este terceiro numero é dedicado a José de Alencar.

Nota sem importancia: este nº é dedicado a José de Alencar, o admiravel romancista brasileiro.

Palavra como eu nunca fui a missa do senhor Brasilio Itiberê. Agora, não sei por quê, fiquei gostando dêle. Quem escreve coisas como «Oh! os meninos!» merece mais do que a nossa admiração. Merece a amisade da gente tambem.

Andrade Muricy assina umas notinhas bem interessantes. Dona Cecilia Meirelles publica *Canto da Jandaia* admiravel como documento de emotividade criadora.

Gostei dos *carvões* de Tasso.

Festa veio bem milhorsinha desta vez. Noto porem nos escrivinhadores da revista aquela preocupação velhissima de mostrar que já leram muitos senhores de nomes encrencados. A eterna mania de arrotar cultura, com citações paulificantes de sujeitos mais paulificantes ainda.

A milhor coisa do nº. é aquele gostosissimo interior de Carlos Drummond de Andrade, SWEET HOME.

F.

Cinq Poémes Négres—Ildefonso Pereda Valdés-Cruz del Sur-927-Buenos Ayres

Ildefonso Pereda Valdés veiu até *Verde* numa quadrilha. Mas é preciso não confundir: numa quadrilha-dança, essa montoeira de gente que foi o gozo ingenuo dos nossos avós.

Esplicação: O Fusco escreveu pro Ildefonso (consul). O consul escreveu pro Ildefonso (Pereda). E nesse vae-vem o Pereda mandou os tróços pro consul, e, num passo directo, o consul mandou pra *Verde* os referidos. Entre os volumes da bagagem chegou tambem o *Cinq Poèmas Nègres*. Os poemas, segundo uma nota constante do livro, fôram traduzidos por Maria Clemencia, que é além de escritora uma admiravel desenhista, e por Eduardo Debrenil.

Sempre tive uma grande inclinação pelos livros pequenos. Dahi talvez a minha simpatia pelos *Cinq Poèmas Nègres*. E é tão grande essa minha inclinação que resumi os cinco poemas de Valdés em tres apenas: *Le candombe, Le bateau négrier. Le tambour des nègres*. Não é que eu não tenha gostado dos outros dois. E' que gostei mais dos outros treis.

Indefonso, muito mais normal e equilibrado, em comparação com os modernistas brasileiros, não deixa porisso de ser encantador na sua modernidade. Ha nos *Cinq Peémes Négres*, tal como num outro livro seu —*La guitarra de los negros* toda a relembrança dos tempos barbaros da escravatura. E' um livro evocativo das senzalas, com os seus brocotós e os seus gingos de sensualidade africana. A brutalidade do comercio e consequente péga dos negros. O sofrimento inaudito das travessias. O trabalho forçado nas lavouras. O chicóte trançado dos verdugos. A pena é que Ildefonso tenha parado aí. O tema bem que merece maior assuntação. Mas, na verdade, tudo o que o poeta assuntou ficou bem assuntado. Com felicidade de pensamento e tecnica. E basta isto para que se registe o *Cinq Poémas Négres*. E *Verde* o faz com a mesma alegria intelectual com que tem recebido—e naturalmente continuará a receber—a colaboração de Ildefonso Pereda Valdés.

H. R.

ATLANTICO — director Marques Rebello

(Rio)

Pena que Marques Rebello deixe fulanos como o autor de *Fevereiro* figurarem na lista dos colaboradores do *Atlantico*.

Charles Lucifer e Manoel Bandeira apresentam bôa coisas.

Dos trabalhos saídos nos nºs. chegados ultimamente, destaco: Cunhatã — de Manoel Bandeira e *A estrelinha Mentirosa* claro poema de Marques Rebello). Tambem é só! Parece mentira. Mas não é mentira não.

Ila Macêdo: *Kangerê.* Um desenho muito vivo e muito interessante.

Notas mundanas, notas de critica (Walter Benevides) e outras notas de interesse geral.

F.

ASCENSO FERREIRA — Catimbó

Officinas da "Revista do Norte"—Recife 1927.

A' primeira vista o livro causa má impressão na gente com aquéla chusma de florinhas roxas no lado de fóra da capa. Parece até que êle esconde dentro versos de sesta-feira-da-paixão. Ficaria bem melhor si o autor em vez da roxura das flores botasse bem estampadinha pra todo mundo vêr a negrura daquele negro tão preto que está fumarando gostosamente o seu cachimbo escondidinho dentro do livro.

Ascenso Ferreira—de Pernambuco—fez em *Catimbó* uma poesia que por um triz que eu chamo de original. Não se serviu déla pra falar em jaboticabas. Nem em maracujás. Nem tão pouco parou bestificado diante de pomares cheios de arvores carregadinhas de frutos vermelhos. Não teve sofrimento pra isso. Fez coisa muito melhor. Pegou e foi para o meio das ruas de Recife espiar a passagem do *Maracatú.* do *Bumba-meu-boi.* se entusiasmando infantilmente em cavalhadas onde ha sempre uma porção de fitas e de bandeirinhas de todas as côres que bolem no vento.

Quando chegou o carnaval êle quiz lá saber de acompanhar o corso? De jogar lança-perfume? De dansar em salões alinhados? Qual! Preferiu dansar «de barriguinha» no meio da poeira dando umbigadas gostosas nas mulatas e se espantando quando viu

«... aquela mulatinha chocolate
fasendo o passo do sirycongado
na 3ª feira de carnaval.»

afirmando que éla era o genio da raça. Por tudo isso é que êle não teve medo de declarar bem alto que o carnaval de Recife é o carnaval melhor do mundo. E é mesmo! Sem ser um poeta interior Ascenso Ferreira cáe algumas vezes num pieguismo que fica até bem pra variar num livro como o seu sadio e alegre. *Minha escola* realisa esse milagre de contraste.

Tem horas que o poeta descamba para um terreno perigoso. Torna-se ridiculamente intoleravel. Intoleravelmente ridiculo. O poema *Bebados* é um ezemplo.

Aí êle arranca a todo momento *ais* profundos do fundo do peito.

Faz até pena quando ouvimos êle esclamar compungido:

«Ai! que saudades dos bebados de fim de feira.»

Um trecho pra ser cantado com o «Fado português»:

«Ai! que melancolia nas vendas fechadas!
Que tristeza scientifica nas vendas fechadas!
Que saudades dos bebados de fim de feira!»

Tristeza cientifica nas vendas fechadas? Isso está desfrutavel. Contra-a-mão. Infantil. Bocó.

Apezar desses e de outros deslises é a poesia de Ascenso forte. Cheia de onomatopeias. De aliterações. De brilhos. Com vogaes que estrondam nos nossos ouvidos.

Poesia entremeiada de cantigas populares que tornam éla mais orquestrada. Uma prova disto? Basta citar um pedaço só do admiravel SERTÃO:

Sertão!—Jatobá!
Sertão!—Cabrobó!
—Cabrobó!
—Ouricury!
—Exú!
—Exú!

Lá vem o vaqueiro, pelos atalhos.
tangendo as rezes para os curraes...

Blem... Blem... Blem... Cantam os chocalhos
dos tristes bódes patriarchaes.

E os guizos fininhos das ovelhinhas ternas:
dlin... dlin... dlin...

E o sino da Igreja velha:
bão... bão... bão...

—O Sol é vermelho como um tição.

Acho que não era preciso aquéla nota no final do livro ensinando a musica em que devem ser cantados certos trechos de alguns poemas. Por ezemplo neste

«E' lamp... é lamp... é lamp...
é Virgulino Lampeão...

a musica está entrando pelos ouvidos da gente a dentro. Sôa como uma lambada. E' intuitiva.

Catimbó com pequenos reparos póde figurar como um dos melhores livros da moderna literatura brasileira. Ilustram o livro belissimos desenhos de Juaquim Cardozo.

F. PEIXOTO

LIVROS RECEBIDOS:

Tristão de Athayde:
Estudos. Ed. Terra de Sol—Rio—927
Mario de Andrade:
Amar, verbo intranzitivo—1927—S. Paulo
Clan do Jaboti—1927—S. Paulo
A Escrava que não é Izaura—1925—S. Paulo
Losango Cáqui—1926—S. Paulo
Ha uma gôta de sangue em cada poema—1917
Feira Literaria—Novembro (nº. XI) 1927—S. Paulo

Livros que os leitores de VERDE devem lêr

APARECIDOS

ESTE E' O CANTO DA MINHA TERRA — de Antonio Constantino.

POEMAS ANALOGOS — de Sergio Milliet.

PRIMEIRO ANDAR, AMAR—VERBO INTRANZITIVO, CLAN DO JABOTÍ — de Mario de Andrade.

BRÁS BEXIGA E BARRA FUNDA, PATHÉ BABY — de António de Alcântara Machado.

PRIMEIRO CADERNO DE POESIAS — de Oswaldo de Andrade

FEIRA LITERARIA — o mensario de maior circulação no Brasil. Colaborado pelos milhores escritores modernos em evidencia.

CATIMBÓ — poemas de Ascenso Ferreira.

A SAÍR

O DIREITO DA FAMILIA SOBRE O CADAVER — de Ascanio Lopes (no prélo).

POEMAS CRONOLOGICOS — de Henrique de Resende, Ascanio Lopes, Rosario Fusco (no prélo).

CODAQUE livro de vistas — de Rosario Fusco.

LARANJA DA CHINA — contos brasileiros de — António de Alcântára Machado.

BAMBÚ IMPERIAL, SERENIDADE — de Achilles Vivaqua.

ALBUM DE VISTAS DA CIDADE DE CATAGUAZES de Francisco Ignacio Peixoto.